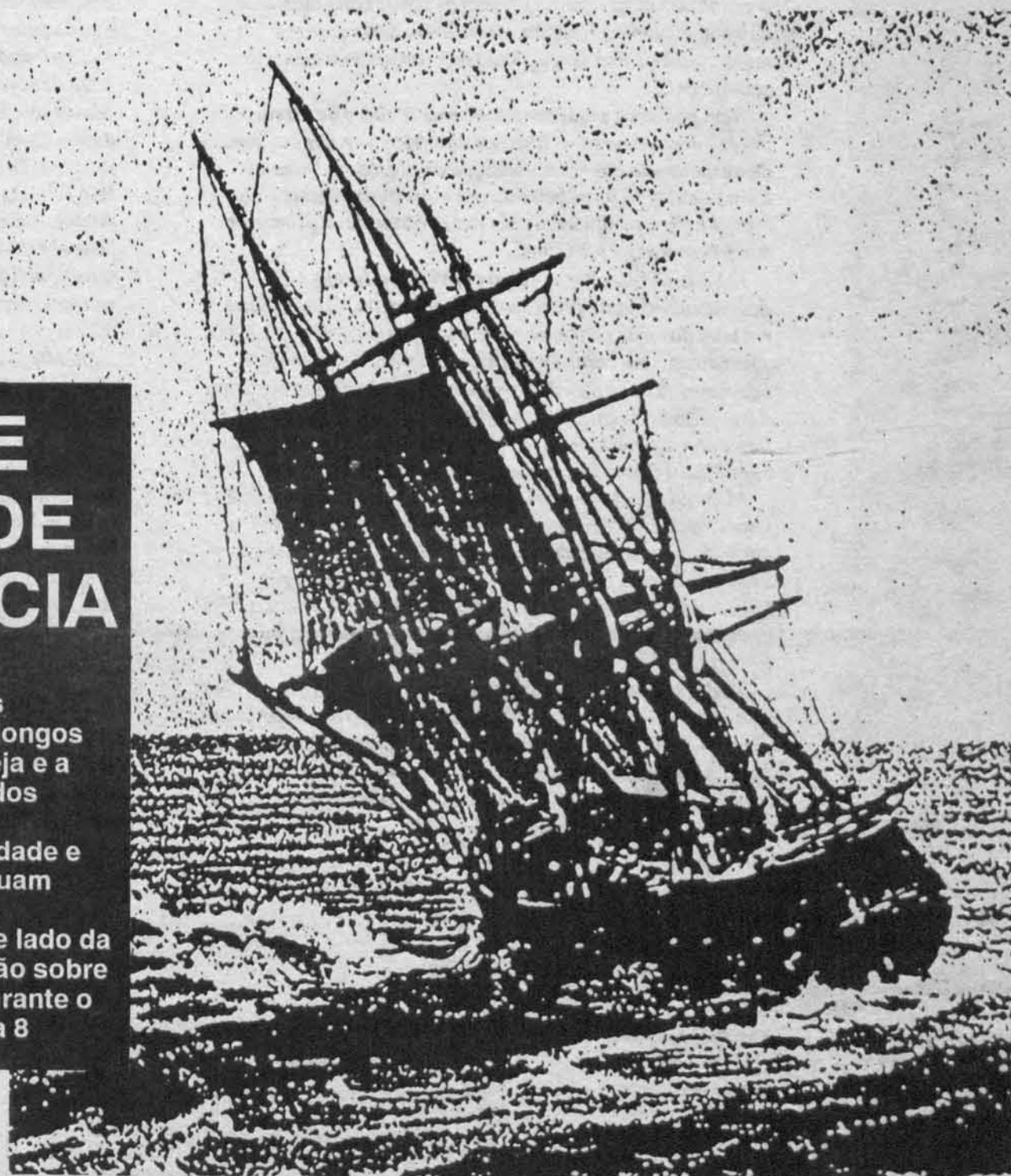


CONTEXTO PASTORAL

ANO II ■ SETEMBRO / OUTUBRO DE 1992 ■ Nº 10

500 ANOS DE CRIATIVIDADE E RESISTÊNCIA

Mais do que se penitenciarem pelos inúmeros equívocos cometidos ao longo dos 500 anos de colonização, a Igreja e a sociedade devem se curvar diante dos povos indígenas, dos negros e dos latino-americanos que, com criatividade e audácia, souberam resistir e continuam sonhando com a "pátria grande". CONTEXTO PASTORAL aborda este lado da história, além de trazer ainda reflexão sobre a presença protestante no Brasil durante o período de colonização. Páginas 5 a 8



8º INTERECLESIAL: NOVOS DESAFIOS À PASTORAL

A participação efetiva de índios, negros e mulheres e os questionamentos que esses grupos levantaram foram uma das marcas principais do 8º Encontro de Comunidades Eclesiais de Base do Brasil (Santa Maria/RS, 8-12 de setembro). O evento reuniu mais de duas mil pessoas, entre as quais 106 evangélicos. Páginas 3 e 4

Debate

Foi realizado em Quito (Equador) o Terceiro Congresso Latino-Americano de Evangelização — Clade III. O encontro reuniu as principais lideranças do movimento evangélico do Continente. O Suplemento Debate traz as principais discussões do evento e analisa os conceitos e as teses desse segmento do protestantismo latino-americano.

LEIA MAIS

UM DESAFIO À PRÁTICA CRISTÃ
Página 10

A ATUALIDADE DA REFORMA
Página 11

NATAL EM TOM BRASILEIRO
Página 12

500 anos: a força dos proscritos

Não é fácil falar sobre os 500 anos de "descobrimento" — ou evangelização, ou invasão — da América sem cair nas repetições que a exploração do tema provoca.

Não se trata, evidentemente, de desprezar o fato de que estes 500 anos têm sido tempos difíceis, se levarmos em conta o genocídio de que foram vítimas os povos indígenas. Sua cultura, costumes, religião, etnia foram desprezados e massacrados sob a alegação de que constituíam elementos primitivos.

Nem podemos esquecer também os regimes de escravidão impostos aos negros — trazidos da África — e aos indígenas, desrespeitando qualquer condição de dignidade humana. Essa população foi submetida aos mais diversos sacrifícios e humilhações, justificados pela necessidade de se promover o progresso nas terras latinas.

Há que se ressaltar ainda o papel que a Igreja desempenhou nesse processo de colonização. Com a Bíblia em uma das mãos e a espada na outra, bispos, missionários e sacerdotes, com raras exceções, se curvaram diante dos interesses dominantes da Corte e não pestanejaram em tentar destruir toda a riqueza cultural e religiosa vigentes, para implantar a "verdadeira" religião cristã, branca, ocidental e capitalista. Que mata, oprime, discrimina.

Mais do que descrever e repudiar tais acontecimentos, é importante destacar o que de positivo tem ocorrido desde a chegada dos colonizadores a estes rincões latino-americanos. Trata-se da criatividade e da "audácia" dos povos que, apesar de tudo e com muita teimosia, esperança e sonho, vêm resistindo e tornando-se sujeitos de seu próprio destino e história.

Não tem sido fácil, é verdade. Afinal, repetidas vezes têm-se ouvido os clamores dos povos contra o desrespeito aos direitos humanos, a discriminação sexual, racial; o desprezo às culturas afro, indígenas e a outros grupos minoritários; a miséria que é resultado das políticas neoliberais e de ajustes impostas aos países periféricos.

No entanto, a ânsia por liberdade, democracia e vida digna tem dado novas forças àqueles considerados fracos; poder aos oprimidos; e esperança aos desiludidos. Assim, ao longo destes 500 anos, movimentos populares, setores da Igreja Católica e das igrejas evangélicas têm conquistado e desempenhando importante papel na história. Não a história regida pelos princípios do autoritarismo e da força, mas da solidariedade e da utopia.

Já de alguns anos, constata-se significativas convergências entre segmentos do movimento evangélico e do movimento ecumênico, tanto em aspectos teóricos quanto práticos. Dentre os objetivos permanentes do CONTEXTO PASTORAL, consta um avanço no diálogo com os segmentos aludidos. Em primeira instância, esse empenho traduzir-se-ia pela abertura irrestrita de espaço para a voz evangélica em nossa publicação. Neste aspecto temos atingido razoavelmente nossa meta. Contudo, consideramos que outros passos precisam ser dados. Nesta edição, o Suplemento Debate dedicado particularmente ao III Congresso Latino-Americano de Evangelização (Clade III) insere-se nesse objetivo. Isto, sem prejuízo da independência crítica que as entidades responsáveis se reservam.

Além disso, CONTEXTO PASTORAL aborda também a temática dos 500 anos, ressaltando a dinâmica das Comunidades Eclesiais de Base (reunidas no 8º Intereclesial). Em ambos os eventos, a colonização foi pauta marcante, que desafia as igrejas a reverem o compromisso com o Reino de Deus, que passa necessariamente pela relação entre evangelização e cultura.



CONTEXTO PASTORAL

Publicação bimestral do
Centro Evangélico
Brasileiro de Estudos
Pastorais — CEBEP
(Rua Rosa de Gusmão, 543
— 13073-120, Campinas/SP.
Tel. e fax 0192-41-1459) e do
Centro Ecumênico de
Documentação e
Informação — CEDI
(Rua Santo Amaro, 129 —
22211-230, Rio de
Janeiro/RJ.
Tel. 021-224-6713 e
fax 021-242-8847)

Editores
Luiz Carlos Ramos
Paulo Roberto Salles Garcia
(MTb 18481)

Editor assistente
Carlos Cunha

Diagramação
Anita Slade

Fotolito e impressão
Tribuna da Imprensa

Conselho editorial
José Bittencourt Filho
Marcos Alves da Silva
Paulo Roberto Rodrigues
Rafael Soares de Oliveira

Tiragem
11 mil exemplares

Preço do exemplar avulso
Cr\$ 3.500,00

Assinatura anual
Cr\$ 35.000,00

Assinatura de apoio
Cr\$ 50.000,00

Exterior
US\$ 15,00

Os artigos assinados não
refletem necessariamente
a opinião do jornal.

Fique por dentro do CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral e dos cristãos pela paz e justiça. Uma publicação conjunta do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP) e do Centro Ecumênico de Documentação e Informação.

Assinatura anual: Cr\$ 35.000,00
Assinatura de apoio: Cr\$ 50.000,00
Exterior: US\$ 15,00
Número avulso: Cr\$ 3.500,00

Os pedidos de assinatura, acompanhada com cheque nominal para o Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP), devem ser enviados para: Jornal Contexto Pastoral — Rua Rosa de Gusmão, 543, Jardim Guanabara, 13073-120, Campinas/SP.

CARTAS

Escreva para CONTEXTO PASTORAL — CEBEP
Rua Rosa de Gusmão, 543 — 13073-120 — Campinas/SP
ou para CONTEXTO PASTORAL — CEDI
Rua Santo Amaro, 129 — 22211-230 — Rio de Janeiro/RJ

Estimados amigos do CEBEP e CEDI,

Li com muita atenção o suplemento nº 9 do jornal CONTEXTO PASTORAL, e pensei em fazer um encontro com lideranças de CEBs e Movimentos Populares e STRs, para aprofundarmos mais a questão da dívida externa, incluindo a visão bíblica.

Gostaria de passar um exemplar para o bispo e alguns padres, para que tenham uma visão mais favorável, para que o povo possa se manifestar em sua realidade e seja apoiado e não criticado por autoridades religiosas tão inconscientes e ao lado dos dominadores.

Peço vinte exemplares DEBATE, o suplemento nº 9.

Agradecida,
Ir. Maria Dotta
Itanhém

CEBs: alegria renovada pelo Espírito

Jorge Atilio Silva Iulianelli

Estar em Santa Maria, para quem é de um grande centro urbano como Rio ou São Paulo, é estar em uma cidade pequena. Muito acolhedora, com seus 300 mil habitantes, com um expressivo setor de serviços, um mercado informal bem destacado e encontrado pelas ruas — aliás, muito limpas. Policiais, espalhados por todo lugar, pois além de universitários, o que mais possui a cidade são militares, Santa Maria, no coração do Rio Grande, foi o palco de dois importantes acontecimentos para a Igreja latino-americana: o IV Encontro Latino-Americano de CEBs e o VIII Encontro Intereclesial de CEBs.

Dois encontros que afirmaram uma mesma coisa: a diversidade encantadora das CEBs da Pátria Grande. Apesar da diferença de magnitude dos dois encontros, ambos representam e apresentam a pluralidade que vivem as CEBs deste continente, quer do ponto de vista organizativo, político ou cultural. Diferenças que estão além das diversidades locais, mas que nascem da criatividade de cristãos, que procuram viver seu seguimento a Jesus Cristo, em situações conflitivas e contraditórias, por todo este velho continente espoliado há 500 anos.

CEBs da América Latina e do Caribe

O IV Encontro aconteceu de 4 a 7 de setembro, onde se reuniram 88 pessoas, de 17 países da América Latina e do Caribe, e representantes das CEBs na fronteira entre os Estados Unidos e o México. A partir da constatação do sofrimento imposto pelas políticas do neoliberalismo, que exigem o reajuste das sociedades latino-americanas; de desafios regionais como o Mercosul, proposta de "integração" entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai; e das situações locais dos vários países, especialmente o sofrimento do povo haitiano que viu quitado seu projeto democrático com a deposição do presidente eleito Jean-Bertrand Aristide, e da Guatemala, que assiste ao assassinato e a repressão de seu povo; as CEBs afirmaram-se como uma nova forma de toda a Igreja ser.

Decididamente, afirmaram em sua mensagem que continuarão trabalhando nos diferentes espaços de diálogo e participação: "na defesa dos direitos humanos e da ecologia; na vivência e no exercício de uma democracia verdadeiramente popular; na intersolidariedade da América Latina e do Caribe; em um estilo de vida e de pastoral que se aproxime, cada dia mais, das maiorias abandonadas; em uma liturgia cada vez mais aculturada e popular e na diversidade dos ministérios; e no verdadeiro ecumenismo de diálogo e colaboração com os demais cristãos que

partilham a mesma opção evangélica pelos pobres."

Tendo em vista a IV Conferência do Episcopado Latino-Americano, os delegados do IV Encontro prepararam uma carta para os bispos que foram a São Domingos (República Dominicana, outubro de 1992). Reafirmam que as CEBs são "célula inicial de estruturação eclesial" (Medellín, 15-10); e afirmam que chegou o momento de uma avaliação continental da caminhada das CEBs, para que se reconheçam seus limites e avanços, assim como para "ver as consequências que isso vai tendo na missão e na vida da Igreja". Denunciam a situação de miséria que o neoliberalismo tem logrado no Continente e pedem que o episcopado assumira a causa dos pobres.

Aqueles dias foram como que uma pequena experiência de convivência de irmãos da Pátria Grande, na qual as utopias foram partilhadas, vivenciados os sofrimentos e esperanças de povos que vivem diversidades, mas vão construindo unidade libertadora. A experiência de emancipação das situações que negam a vida, no cotidiano das diferentes comunidades, permanece sendo o manancial que alimenta sua mística. Foram dias de profunda vivência da fé, com um profundo respeito ecumênico, não apenas entre cristãos que vivem e celebram de forma diferente a fé, mas por tradições milenares, em que o sopro do Espírito de Deus está presente, como são as tradições indígenas e negras.

Os delegados das CEBs da América Latina afirmaram que reconhecem a distância que ainda os separa das maiorias empobrecidas. Desejam, ardentemente, aproximar-se mais da religiosidade deste povo sofrido, esmagado pelas políticas neoliberais de reajuste, que buscam alento do Deus Pai e Mãe. Reconhecem que devem enraizar-se cada vez mais nas culturas dos povos latino-americanos, bebendo da experiência de Deus, singular a cada povo. E isto garante a possibilidade de críticas a tudo o que é contrário ao Deus da Vida. Há necessidade de descobrir novas linguagens que sejam mais comunicativas, que traduzam a fé expressa no povo humilde e miserável do Continente. É necessário também construir uma espiritualidade da esperança, que seja alento e força na vivência dessa nova forma de toda a Igreja ser.

Brasilidade, carnavalidade e negritude: jeitos brasileiros de ser CEBs

O VIII Intereclesial aconteceu de 8 a 12 de setembro, "neste momento tão grave de crise nacional. Com todo o povo brasileiro estamos numa busca de saída ética e democrática", afirma a Carta Final.

Foi o encontro com o maior número de delegados dos Intereclesiais, 2.238 delegados brasileiros, entre os quais mais de 100 evangélicos, um pajé, dois pais-de-santo e uma mãe-de-santo; 88 delegados da América Latina e Caribe; e 30 delegados de outros continentes. Estiveram presentes 35 pastoras e pastores evangélicos, 98 bispos e muitos padres e religiosas. Havia mais de 1.450 pessoas e 11 igrejas cristãs nas equipes de serviço, e o povo de Santa Maria acolheu os delegados em suas casas.

A liturgia de abertura aconteceu no Santuário da Medianeira, vários bispos no altar, alguns dispersos entre as milhares de pessoas. Tudo muito lindo: evangélicos, estrangeiros, latino-americanos, índios e todas as grandes regiões do Brasil, agrupados. Um *cameraman* que gravava, afirmou: "parece um carnaval, tantas pessoas, tanta música, tanto enredo, ... é lindo." Muitas pessoas fazendo gestos que simbolizavam sua caminhada; água trazida de vários recantos do Brasil para lembrar e reafirmar o Batismo, porongos para recordar que estávamos no Sul, um grande candelabro no qual as luzes das culturas oprimidas foram acesas para iluminar os passos da caminhada. Toda essa gente estava junta, representando milhões de pessoas que vivem espalhadas por milhares de CEBs em todo o Brasil.

Depois do VII Encontro, que aconte-

ceu em Duque de Caxias, formou-se uma Comissão Ampliada que foi responsável pela organização deste Intereclesial. Nos Regionais da CNBB aconteceram diversos encontros em preparação, a partir de 1990, nos quais todos discutiram o tema: "O povo de Deus renascendo das culturas oprimidas". Cada encontro redescobriu uma nova face do multicolorido que é a realidade das CEBs no Brasil.

O reconhecimento das culturas vividas e produzidas pelas pessoas, em seus processos singulares, diversificados, tornaram mais enriquecido o retrato das CEBs. Cultura é como política, não se pode viver sem ela, afirma o texto-base. A Cultura foi sendo descoberta como o jeito de ser de cada CEB em particular. Assim, na vida de cada comunidade, foi se descobrindo como se dá a relação com as culturas locais e com as culturas oprimidas.

Os encontros regionais foram momentos privilegiados para percebermos a dificuldade do tema. Cultura é um conceito muito amplo e ambíguo, culturas oprimidas não o é menos. O texto-base o demonstra ao optar tanto por um conceito étnico (negros, imigrantes e índios), de gênero (mulher) e de classe (trabalhadores). As celebrações e discussões nos regionais, contudo, alertaram para o perigo de observarmos a cultura sob um prisma folclórico, estático e não dinâmico e vivencial.

Arquivo do CEDI



Os evangélicos dirigem o momento celebrativo

Dos regionais ao Intereclesial houve um avanço bastante grande, a reflexão sobre a temática foi sendo aprofundada e retrabalhada em seus diversos aspectos. Mas, nem por isso deixou de ser inquietante que as CEBs se questionassem pelas apelos culturais que brotam de 500 anos de silêncio imposto a mulheres, índios e negros. O Intereclesial foi expressão de uma vivência, cada vez mais democratizada, entre leigos comprometidos e seus pastores, na qual ambos questionam-se e deixam-se questionar. O Intereclesial comprovadamente foi um espaço de experiência de um novo modo de ser Igreja, um Concílio dos Empobrecidos.

Pela primeira vez assumiu-se que foi a melhor forma de possibilitar a reflexão a divisão em blocos. Foram cinco: negros (Comadre Aparecida), índios (São Sepé Tiraju), mulheres (Comadre Rose), migrantes (Pai Abraão) e trabalhadores (Chico Mendes). Os blocos discutiram as temáticas separadamente, e depois do terceiro dia houve uma plenária na qual foram partilhadas as diferentes experiências.

Até a Grande Plenária as orações da manhã foram realizadas separadamente em cada bloco. Negros, índios e mulheres, recuperando sua própria vez e voz na Igreja, e dizendo às igrejas: temos nosso próprio jeito de ser, respeitem-nos! Nesse processo, houve também conflitos, como a discussão sobre o possível respeito à dupla filiação religiosa, como afirmado por um representante das religiões afro-brasileiras. No bloco dos índios, destacou-se a necessidade de não se idealizar a história das nações indígenas, de levar-se em consideração a ambigüidade das culturas.

No local da Grande Plenária puderam-se vivenciar as Noites Culturais. Na primeira apresentaram-se os vários regionais, foi possível dançar o forró do Nordeste e assistir-se à belíssima encenação dos capoeiristas do Rio de Janeiro. Na segunda noite vários artistas apresentaram-se, entre os quais Zé Vicente, aclamado pelos participantes. E também houve espaço para os delegados latino-americanos deixarem seu recado: somos todos filhos desta Pátria Grande!

Na Grande Plenária do último dia, todos quiseram ouvir um companheiro de caminhada que não poderia estar ausente. Ele mesmo disse que somente mudou de trincheira, mas permanece na mesma luta. Todos pediram que o irmão Leonardo Boff se pronunciasse. Ele falou que via a todos como um arco-íris, no qual cada cor é fundamental. A experiência de Deus, disse, "é como caminhar numa mesma montanha por diversos lados, uns escolhem lados mais íngremes, outros atalhos, mas todos caminham para o cume ao encontro de Deus".

Na última noite, todos foram visitar as CEBs das famílias que foram hóspedes em Santa Maria. Cada CEB preparou uma atividade cultural distinta, e foi uma bela confraternização, em que todos trocavam presentes e a presença. Numa das comunidades, em Santa Helena, no Ca-

mobi, um negro, capoeirista, do Rio de Janeiro disse: "Quando vim, estava receoso de como seria recebido. Sou negro, e estava vindo para o Sul... Mas, descobri que nas CEBs podemos superar estes nossos preconceitos, podemos percebê-los e superá-los". Houve a celebração da Eucaristia, que acolheu a todos, inclusive a delegada evangélica da Bahia, e uma festa tradicional do Sul.

Ecumenismo e libertação: uma mística das CEBs

Indubitavelmente, tanta riqueza e alegria, questionamentos e confrontos, religiosidade e mística, não podem ser expressos em uma única reportagem. A experiência de um Intereclesial é algo pentecostal. É a vivência do Espírito que se faz presente na vida de pessoas que vivem efetivamente em pequenas comunidades, por todo o País, e por todo o Continente, enfrentando as agruras do cotidiano com respostas que são retrato de sua diversidade. A diversidade cultural das CEBs no Brasil são resposta à pergunta por sua sobrevivência. Sobrevivem e multiplicam-se porque são diferentes.

Este VIII Encontro apresentou um rico Pentecostes, onde cada um compreendia a Boa Notícia em sua própria língua (At 2.7-11); onde as diferenças eram superadas, não havendo mais separações ou dominações (Gl 3.28s); onde a riqueza de uma forma de ser Igreja era oferecida a toda a Igreja; onde a expe-

OS NÚMEROS DO 8º INTERECLESIAL

Mais de cem evangélicos — entre pastores e leigos — participaram do 8º Encontro Intereclesial de CEBs. Eles dividiram espaço com representantes de outras confissões cristãs, grupos étnicos e de diversos países da América Latina.

Leigos católicos	1469
Padres	163
Irmãos	172
Bispos católicos	98
Evangélicos	106
Latino-americanos	88
Índios	43
Assessores	50

riência de emancipação era alimentada pela vivência de uma fé fecunda, que é fiel ao Cristo Libertador. Mas, esse seguimento não é tranquilo. Há muitos questionamentos e desafios que foram deixados pelo VIII Encontro.

Primeiramente o Ecumenismo. O desafio da unidade dos cristãos é uma conquista dos Intereclesiais. A partir do VI Encontro vem-se ampliando mais e mais a participação dos evangélicos. O VII foi expressão mais de um desejo do que das experiências. O VIII produziu um documento dos evangélicos, que afirma: "Sentimos que este é o lugar em que verdadeiramente nos encontramos como cristãos de todas as denominações, ou seja: na luta comum em favor do povo. ...O imperativo do amor evangélico aos

pobres e o esforço pela construção do Reino de Deus que nos unifica é imensamente maior do que qualquer elemento que nos separa".

Mas, isto é expressão de um desafio muito maior no cotidiano das CEBs e dos evangélicos comprometidos com a causa da pastoral popular: responder à presença crescente do pentecostalismo autônomo, de uma forma criativa e libertadora. Aculturar-se nos diversos segmentos da sociedade brasileira, superar o patriarcalismo histórico que as igrejas carregam. Porém, o VIII deixa um desafio novíssimo, o das religiões afro-brasileiras e o das culturas e religiosidades indígenas. Este é o novo da nova evangelização.

O grande desafio do VIII é este: como assumir a negritude e as formas indígenas de adorar a Deus. O Espírito esteve manifesto antes mesmo da Encarnação do Senhor Jesus, todas as culturas vivem estas sementes do Verbo (Sl 33.6; Gn 1.2; Jdt 16.14). Como anunciar a Boa Notícia de uma forma aculturada? Como acolher a presença do Espírito na cultura do outro? Como ser sensível à alteridade? Especialmente, a cultura negra e a religiosidade negra questionam as CEBs e os demais cristãos comprometidos com a ótica da pastoral popular. O Brasil é o segundo país de maior população negra, possuidor de uma religiosidade negra difusa que faz parte da matriz religiosa nacional. Será ainda mais bonito de ver as respostas que serão dadas a tais desafios.

As CEBs descobriram-se ainda mais comprometidas com o Reino de Deus. O Deus da Vida e a Espiritualidade que nasce de uma vida cristã que se quer cada vez mais aculturada, indo ao encontro das maiorias sobranceiras. Este é o desafio e o compromisso que as CEBs se ofereceram neste VIII Encontro. O próximo Encontro, o IX, que será no Maranhão, daqui a quatro anos, tem como tema "CEBs e Massa". Isso quer dizer que a preocupação com a cultura permanece. Daqui a quatro anos irá acontecer, também, o V Encontro Latino-Americano de CEBs, que será no Cone Sul. Seu tema ainda não foi escolhido, mas deverá estar em sintonia com a conjuntura da Igreja Católica quando ocorrer.

As esperanças que jorram destes dois encontros são muitas. De certa forma foi prenunciado na Celebração de Encerramento do VIII Encontro: uma Igreja cristã negra, índia, feminina, participativa, ministerial, ecumênica e aberta à ação do Espírito de Deus, que sopra onde quer e como quer (Jo 3.8). Diante do neoliberalismo que avassala e reajusta as sociedades dos sobranceiros, do neoconservadorismo eclesialístico que cerceia os caminhos de inovação e criatividade; as células eclesiais, que são as CEBs, oferecem a toda a Igreja um jeito novo de ser.

Jorge Atílio Silva Iulianelli é católico e integra a equipe do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI.

"COMPROMISSOS QUE ASSUMIMOS"

Ao final do VIII Encontro Intereclesial de CEBs foi redigido o documento final, do qual destacamos os cinco grandes compromissos:

"1. Nós nos comprometemos, em solidariedade com os INDÍGENAS, a lutar pela demarcação de suas terras e pela sua autonomia e a respeitar suas expressões religiosas como primeiro passo de um processo de aculturação do Evangelho. Que o resgate das culturas massacradas seja feito pelos próprios indígenas com o acompanhamento solidário dos agentes comprometidos com a causa indígena.

"2. Nós nos comprometemos, em solidariedade com os NEGROS, a respeitar as diferenças das culturas e a lutar para que possam expressar sua fé, de maneira própria, na Igreja. Nós negros assumimos nossa negritude na Igreja e na Sociedade, mantendo viva nossa memória de resistência ontem e hoje, nos quilombos, terreiros, irmandades, lutas e organizações negras.

"3. Nós nos comprometemos, em solidariedade com as MULHERES, a lutar por uma Igreja na qual a mulher tenha igualdade de direitos e seja respeitada na sua identidade feminina. E nós mulheres afirmamos nosso direito de participar em todos os níveis de decisão e poder. Nos comprometemos a lutar pela autovalorização do nosso corpo, redescobrimos a nossa sexualidade, construindo o novo nas relações homem-

mulher. Queremos ser reconhecidas nos Ministérios que já exercemos. Nosso empenho deve ser, mais ainda, pela conquista não apenas das assembleias e tribunais mas também dos altares e dos púlpitos. É fazendo que se aprende! O que não está oficializado se oficializa na prática!

"4. Somos todos TRABALHADORES. Temos em comum a experiência de criar a vida e ser empobrecidos. Nós nos comprometemos a fazer da democracia a raiz do nosso comportamento na família e na comunidade. Participando plenamente na luta dos partidos comprometidos com a causa do povo, queremos fazer da democracia também a raiz da sociedade, na política e na economia. A Igreja tem o papel de assumir e celebrar esta democratização e de formar cristãos para realizá-la. Celebrando os Sacramentos a partir da vida do povo, ela ilumina e anima, com a Bíblia, as diferenças da cultura e as lutas por vida abundante para todos.

"5. Nós nos comprometemos, em solidariedade com os MIGRANTES, a lutar para que a Igreja seja um lugar acolhedor onde todos se sintam em casa, uma Igreja que dê apoio ao movimento popular, fortaleça a luta pela reforma agrária e urbana, e promova uma espiritualidade da Terra. Uma Igreja onde se viva o ecumenismo na prática, onde as diversas confissões e culturas, partindo da sua fé comum no Deus da Vida, procurem unir-se em defesa da vida do Povo".

Yes, nós temos banana...

Paulo Cezar Loureiro Botas

Para o Bituca, irmão maior

"A Igreja tem necessidade de ser evangelizada"
(Papa Paulo VI, 1965)

"Confiamos que todo o tempo que estiverdes sobre a terra obrigareis e empenhareis todo vosso zelo para fazer que os povos bárbaros cheguem ao conhecimento de Deus... não só com editos e admoestações, mas também pela força e pelas armas, se for necessário, para que suas almas possam partilhar do reino dos céus"
(Papa Clemente VII, 1530)



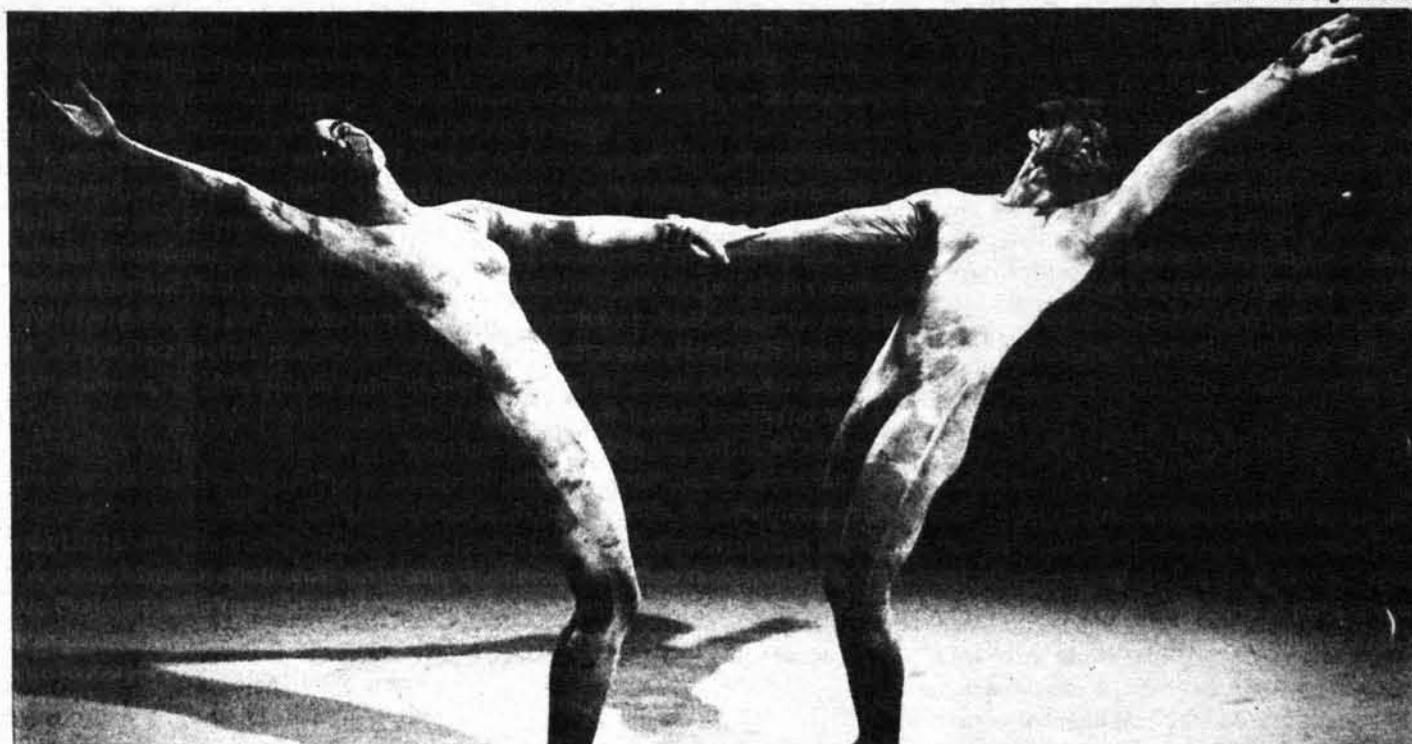
São os nossos quinhentos anos de "descobrimiento". Genocídios, sincretismos, aniquilamentos, destruições ecológicas, medo, pecado, terror. Somos países colonizados pela escória dos degradados filhos de Eva, das prostitutas, meretrizes, marafonas e bandidos que não se moldavam aos perfis dos homens e mulheres das cortes espanhola e portuguesa. Somos filhos paridos da proscricção. Nascermos assim, crescemos assim e assim cometemos todos os nossos pecados "do lado de baixo do Equador".

Temos quinhentos anos de uma história inventada pelos cronistas do poder. Afirmavam eles, com suas penas, estarem os que tinham chegado cumprindo o mandato papal que conferia aos reis de Espanha e Portugal, 1493 e 1454, o direito de "invadir, conquistar, subjugar e submeter todas aquelas pessoas que se situavam fora das fronteiras do mundo cristão à perpétua servidão".

Evangelho de ponta-cabeça

Mundo mundo, vasto mundo e os imundos raimundos só existiam em Portugal e faziam uma rima vulgar. E o exército e o clero chegaram com todas as pompas e circunstâncias, com a ganância que lhes era devida, saquearam o ouro e todas as riquezas. O clero, obediente, erguia igrejas sob os escombros dos templos dos deuses dos povos, afirmando a primazia do deus cristão, perdido entre os armínhos, veludos, sapatilhas, corções de ouro e as maneirices dos salões conspiratórios da Igreja Romana.

Roma locuta, causa finita... e a perversidade se instala: temos que ser semelhantes aos nossos senhores, plantar para que outro coma, construir para que outro habite e não sermos mais senhores do trabalho de nossas mãos. O Evangelho foi virado do avesso, de ponta-cabeça e recebemos um arremedo, um simulacro e uma farsa do Deus da Vida, do Filho Fraternal e do Espírito da Liberdade.



Setor de Imagens / CEDI

Mas nossos irmãos franciscanos já afirmavam que

estes índios quase não têm estorvo que os impeça de ganhar o céu (...) porque sua vida se contenta com muito pouco e tão pouco que apenas têm com que vestir e se alimentar. Sua comida é paupérrima e mesmo o seu vestuário para dormir, a maior parte deles sequer tem uma esteira completa. Não se preocupam em adquirir ou guardar riquezas, nem se matam por alcançar estados de dignidade. Deitam-se com sua pobre manta e despertos já estão prontos para servir a Deus (Leonardo Boff, América Latina: Da Conquista à Nova Evangelização).

A Porciúncula encarnada em terra do Novo Mundo: pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo mas possuindo tudo.

Mas depois vieram os jesuítas com toda a sua Companhia, Infantaria e Artilharia. E, depois, os dominicanos que queimaram fornicadores, onanistas bruxas, sodomitas e gomorrilas e deixaram um pequeno manual utilizado, muitos séculos depois, pelo DOPS, que o exercitou nos seus confrades ficando tudo em família. Roupas sujas se lava em casa, diz o dito popular. Mas nossa Santa Madre não ficou aí. Como

o próprio Deus quis que, entre os homens, alguns fossem senhores, outros servos, de tal forma que os senhores fossem levados a venerar e amar a Deus, e os servos se ativessem a amar e a venerar os seus senhores (Enciclopédia EINAUDI nº 12, Igreja),

ela excluiu das suas hostes clericais, a partir de 1583, os índios, os negros, os descendentes de índios, de mouros e de negros e os mulatos. Só podiam entrar, para certos serviços, os pretos de alma

O Evangelho foi virado do avesso, de ponta-cabeça, e recebemos um arremedo, um simulacro e uma farsa do Deus da Vida

branca e assim mesmo se reconhecessem o seu lugar. Cada um na sua... E a Igreja dos brancos, pura como a alma, se espalhou, de dominação em dominação, com medo de que os índios e os negros pudessem também pronunciar o HOCUS-POCUS, fórmula de ABRACADABRA que, em bom latim, significa HOC EST ENIM CORPUS MEUM. E viva a criatividade dos escandinavos que encurtaram a mágica e deram de presente para suas crianças o brincar também de HOCUS-POCUS... ABRACADABRA!!! Mágica por mágica ficaram com a da criança que é bem mais divertida e não machuca ninguém.

E foi a irreverência e criatividade que fizeram nossos índios e nossos negros confrontarem os mitos, os símbolos e todo o poder emanado das cortes e da Igreja de Roma. O catolicismo romano foi construído pela permanente junção do poder político e do poder religioso. *In illo tempore* existiam as comunidades domésticas do cristianismo primitivo, num comunismo de bens de consumo, de partilha e de seita, uma vez que a religião oficial era o culto ao imperador romano. Com Constantino, no século IV, quando no céu aparece, não ainda a Virgem Maria, mas uma cruz iluminada, sem a tecnologia do neon, e a inscrição *In Hoc Signo...* o poder lhe sobe à cabeça e de seita vira religião de Estado impondo-se a toda a sociedade civil. E daí começa o

samba: transforma-se numa instituição hierarquizada, com normas, bulas, cânones, cismas, disputas e uma divisão clara de poder: quem manda e quem obedece. E é claro que neste enredo são os leigos no assunto os que obedecem e os clérigos com todos os seus *pedigrees* os que mandam. E desde o século XI ficou assim como está: o Vaticano, as dioceses e as paróquias porque as Comunidades Eclesiais de Base só vão surgir no final do século XX. E haja dogmas, leis e liturgias para fazer todo o mundo igualzinho aos clérigos que passeavam em Roma entre conspirações de poder, bancos do Espírito Santo e muita grana para canonizar os seus santos e anular casamentos de príncipes. Se Henrique VIII soubesse, podia ter declarado que Ana Bolena fizera uma aposta com as suas amigas que casava com ele. Talvez a Igreja anulasse o casamento e a Igreja Anglicana não teria surgido. Mas, quem foi mesmo esperta foi a Caroline de Mônaco que, nos dez anos que esperou para a anulação do seu casamento, 're-casou', teve filhos, enviuvou e a Igreja Católica anulou o seu casamento com o plebeu e pleibói Junot porque afinal um rei católico deve ter netos católicos reconhecidos na estirpe real para a sucessão. Como a Igreja tem voto de pobreza isso nada custou para os cofres católicos do rei, ou melhor, para os cofres do rei católico, ou melhor ainda, para o cofre REI católico. E salva está a continuidade católica do reinado de Mônaco, bem menor que o da Inglaterra mas, enfim, um reino...

O Vaticano, em julho de 1992, anulou o casamento da princesa Caroline de Mônaco alegando que seu marido Philippe Junot, apesar de tê-lo consumado, havia apostado com seus amigos que com ela

casaria, o que denota problemas emocionais e psíquicos. Os filhos do segundo casamento, civil, com um plebeu italiano, morto em 1991 em acidente de lancha, não podiam ser reconhecidos como herdeiros de Mônaco, pois o casal não podia casar na Igreja Católica e, consequentemente, os filhos serem batizados.

A proscrição dos irreverentes

Nestes séculos todos, a proscrição dos irreverentes tem sido o rito de passagem para as experiências vivas do Espírito nas terras conquistadas. E haja pajelança e rabo-de-arraia para transformar o corpo do poder em corpo de dança, em corpo de amor, em corpo de carnaval, em corpo de oração e em corpo "moreno, cheiroso e gostoso da cor do pecado que faz tão bem".

E tem sido assim nestes *saecula saeculorum amen*, ainda que o padre José de Acosta afirmasse, no século XIV, que é necessário que andem juntos o soldado e o sacerdote (...) o modo novo de anunciar o evangelho é o do missionário rodeado de soldados e de aparato vário (Leonardo Boff, op. cit.).

E seria complementado por um colono espanhol ainda no século XVI:

a voz do evangelho se escuta somente lá onde os índios também escutam o estrondo das armas de fogo (Leonardo Boff, op. cit.).

Evangelizar assim, até eu: ou convertem-se ou acaba-se com eles. Séculos depois ouviríamos do último (?) presidente militar brasileiro: "Vou fazer deste país uma democracia e quem não quiser eu prendo e arrebento!". Repetem-nos sempre que somente a elite tem tradição e escola e pode conduzir o País. E que ela não é como um bando de pés-rapados, assalariados que somente sabem reclamar e fazer política. Como dizia o parecer assinado por Ulysses Guimarães contra a Lei da Reforma Agrária em 1963:

A raça dos conquistadores que desafiaram piratas e corsários e contra eles defenderam a posse da terra até as bordas dos Andes, sucede a raça degenerada dos jecas anônimos e imbecilizadas de Monteiro Lobato, os que querem de presente o fruto do trabalho de outros e de seus antepassados (Paulo Cezar Loureiro Botas, A Bênção de Abril).

"Quiquéisso", companheiro? Em todo caso, é voz corrente que o *collorido* deles foi eleito por uma enfermeira e será deposto por um motorista... Deus tarda mas não falha.

Mas nosso maior espetáculo e festa, o Carnaval, não depende do Estado nem da Igreja e exporta para o mundo a alegria revertida do dinheiro dos bicheiros e contraventores que também ajudam as campanhas dos vereadores, prefeitos, deputados, governadores e presidentes. Que constroem escolas, creches, asilos, hospitais e até igrejas. São todos católicos, evangélicos, umbandistas, kardecis-

tas e fazem parte do "rancho da goiabada". Joãozinho Trinta que o diga. A sua escola teve que cobrir o Cristo Redentor senão não desfilava. Era o que exigia o senhor cardeal do palácio São Joaquim. Quase que a profecia não era proclamada na avenida...

Temos enfrentado e confrontado o Poder nestes anos todos. Com muita garra e ironia, com muita zombaria e festa, com muito samba, forró e quentão, com muita música, muito canto, muita esperança e "jeitinho". Como dizia uma militante negra das CEBs: "Com cuspe e jeito"...

E não é verdade que só falamos de pecado e de medo? E desde o começo dos começos. O poeta maia escrevia que

os mui cristãos chegaram aqui com o verdadeiro Deus; porém isso foi o começo de nossa miséria (...) o princípio de nosso padecimento (...) Esse Deus verdadeiro que vem do céu só de pecado falará, só de pecado será seu ensinamento (Leonardo Boff, op. cit.).

Os astecas respondiam à demonização

Nestes séculos todos, a proscrição dos irreverentes tem sido o rito de passagem para as experiências vivas do Espírito nas terras conquistadas.

das suas crenças realizada pelos missionários proclamando:

Tranquilizem-se vosso coração e vosssa carne, senhores nossos, porque abriremos um pouco, um pouquinho somente, o segredo, a arca de nosso Deus. Vós disestes que nós não conhecemos o Senhor que está perto e que está conosco, Aquele de quem são os céus e a terra. Disestes que não eram verdadeiros nossos deuses. Nova palavra é esta, a que falais, por causa dela estamos perturbados. Porque nossos progenitores, os que existiram, os que viveram sobre a terra não falavam desta maneira (...) E agora nós devemos destruir a antiga regra de vida? A dos chichimecas, a dos toltecas, a dos acolhuas, a dos tecpanecas? Nós sabemos a quem se deve a vida, a quem se deve o nascer, a quem se deve o gerar, a quem se deve o crescer, como se deve invocar, como se deve rogar (Leonardo Boff, op. cit.).

O grito de confronto foi dado e tem ecoado nestes séculos:

Castrar o sol! Para fazer isso vieram estes estrangeiros (Leonardo Boff, op. cit.).

O poder do riso

Let's sunshine (Movimento hippie, 1968). "Sejamos realistas, peçamos o impossível" (grafite de muro, maio de 1968,

Paris). "É proibido proibir" (Caetano Veloso). E assim será. A criatividade, o poder imaginativo e a arte de fazer se encontram nos becos, nas ruas onde a vida se inventa a cada novo momento. A sedução do riso e da alegria dos proscritos transformou seus corpos em objetos do desejo dos senhores da Casa Grande e de alguns bispos e clérigos que, com o pé na cozinha, levaram à risca o "crescei e multiplicai-vos" do livro do Gênesis. O riso e a alegria de um povo vendido pela *Aquarela do Brasil* como mão-de-obra barata e indolente — "este coqueiro que dá coco, onde amarro a minha rede em noites claras de luar"; que atraiu a tecnologia e o progresso oferecendo as nossas riquezas naturais — "esta fonte murmurante onde mato minha sede e onde a lua vem brincar". E o "Brasil lindo e trigueiro" foi sendo dizimado e virando espelho dos que o sugavam por inteiro.

O poder do riso é nosso e de todos os que, ecumenicamente, acreditam no Evangelho da Vida, seja qual for a sua expressão cultural, mas VIDA e AMOR. Seja Olorum, Javé, Krishna. Sejam orixás, duendes, fadas, gnomos. Sejam sonhos, utopias e desejos. O Reino de Deus é arvore de muitos pássaros, é rede de vários peixes, é fermento que sempre dá um jeitinho e, com calor, cresce, cresce, cresce. É grão de mostarda, pequenino, mas que é árvore maior. Quem espera, chega atrasado para a festa e para o banquete. E sempre é hora, apesar de tudo, de arrumar as flores no cabelo, tomar banho de cheiro, deixar o corpo sensual e cheio de desejos, e rolar na praia, e deitar na rede, e fazer cafuné, e dengar, e tomar água de coco, e comer beiju, farofa de mandioca, cuscuz, acarajé e passar urucum no rosto, e criar máscaras de festa e, se preciso, de guerra. E se lambuzar de afeto e gozo e acreditar que a VIDA é possível porque queremos que ela seja. E deixar que os mortos enterrem os seus mortos porque um dia tiraremos o que deles restou: o nome de família dos seus prédios de mármore, aço escovado e vidro fumê e deles não restará "nem nadica de nada". Porque são pó e ao pó voltarão. Mas o Espírito fica — o da alegria e o da liberdade. E o do Amor, amor e mais amor. Ainda que existam dogmáticos e ortodoxos à direita e à esquerda, pretensos donos da verdade e do tempo, corroídos pela sua ânsia de poder.

Nós proclamaremos que Deus é mais e que "nóis é nóis e o resto é bosta" (para os mais pudicos, ler Fp 3.8: "Por ele eu perdi tudo e tenho como esterco, para ganhar a Cristo" — Bíblia de Jerusalém).

YES, NÓS TEMOS BANANA!...

Julio de Santa Ana



Desde os tempos imediatos à emancipação política dos países da América Latina, houve personalidades e movimentos históricos que hastearam a bandeira da unidade latino-americana. Em primeiro lugar, devemos lembrar Simón Bolívar, o libertador venezuelano que convocou, em 1826, um congresso latino-americano realizado no Panamá. Infelizmente, Bolívar não pôde impedir a guerra entre a Colômbia e o Peru, nem a secessão da Venezuela da Grande Colômbia em 1829. Desde então já se pode observar a tensão entre a utopia e as forças históricas que a impedem de concretizar-se. Porque, diga-se de imediato, "a grande pátria" é uma das mais brilhantes utopias latino-americanas. Atrai com suas luzes, mas sem penetrar profundamente nas sombras dos povos da região. Como utopia, não existe. Para que consiga concretizar-se, é necessário que pouco a pouco se possam formar condições que permitam plasmar-se um lugar que ainda não existe. Para isso é preciso, além das grandes visões históricas (como foi o caso da de Bolívar), que haja forças sociais capazes de forjar a substância dessa visão em meio às realidades históricas.

A visão foi retomada várias vezes ao longo da breve história dos países latino-americanos. Por exemplo, em fins do século XIX e começos do atual, o cubano José Martí e o uruguaio José Enrique Rodó tornaram a hastear a bandeira anteriormente içada por Bolívar. O primeiro, interessado na libertação de seu povo, para o que convocou à solidariedade latino-americana. Diante do que enfim restava da colonização ibérica (a ilha de Cuba e Porto Rico), era necessário fazer pressão para que se reconhecesse o direito dos povos dessas ilhas à sua soberania nacional. Nesse sentido, a pressão dos povos da "pátria grande" era prioritária. Sabe-se que a libertação de Cuba não se deu por esse caminho. A dominação espanhola seguiu-se a dos Estados Unidos. Só a Revolução Cubana de fins dos anos de 1950 e princípios dos anos de 1960 fez de Cuba um "território livre da América".

O caso de Rodó foi diferente: como intelectual, percebeu com clareza a atração que exercia sobre os espíritos de nossos povos o espírito que rende culto à eficácia e, mais ainda, ao dinheiro. Chamou-o "espírito de Caliban", ante o qual devia opor-se o "espírito de Ariel", generoso e lançado para a conquista do ideal superior. Para Rodó, os Estados Unidos encarnavam o espírito prosaico e ávido de riquezas, pragmático, de Caliban. Em compensação, os latino-americanos por-

Paulo Cezar Loureiro Botas é filósofo e assessor do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI.

A grande pátria

tam em suas vidas o espírito de Ariel. Este é frágil, como as flores que nascem ao raiar do dia: não têm força; precisam ser cuidadas, cultivadas com ternura e dedicação. Um dos modos de cumprir esta tarefa é unindo as forças daqueles que são portadores do caráter de Ariel. De maneira poética, Rodó convocou também à unidade latino-americana.

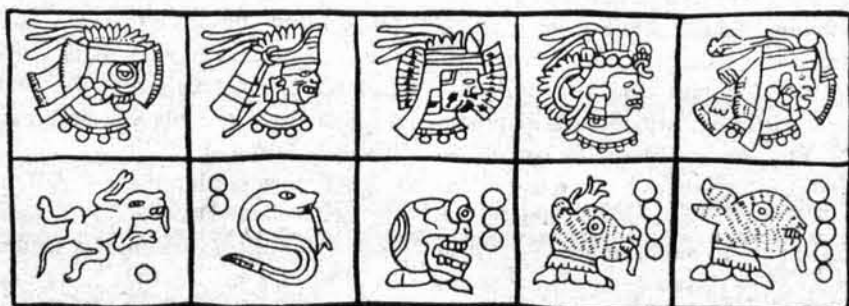
As sementes espargidas por Bolívar nos espaços da América do Sul e do Caribe, e que alguns intelectuais (que também foram grandes protagonistas históricos, como foi o caso de Martí) entenderam deveriam ser cultivadas e cuidadas, começaram a florescer em setores avançados da juventude latino-americana em meios universitários. Deve-se também dizer que, a partir de 1910, se havia iniciado o processo da revolução mexicana. “Terra e Liberdade” foi o lema de

em suas propostas sociais, econômicas, políticas e culturais. Aqui se devem mencionar as forças que obstaram a realização da utopia. Já as haviam percebido Martí e Rodó. O primeiro achou-as “monstruosas”. Quanto ao segundo, já vimos como ele as assimilava ao espírito de Calibán.

Brutalidade interna e cortesia externa

Em primeiro lugar, deve-se levar em consideração a coalizão de interesses imperiais com os dos grupos dominantes latino-americanos. Quando, entre 1808 e 1830, se deu a onda de emancipação nacional e vários países emergiram como entidades politicamente independentes, houve grupos oligárquicos que tomaram o poder, conduzindo as histórias dos povos da região. Tinham conduta ambígua:

Revista Christus



Emiliano Zapata e Pancho Villa. Heroicamente resistiram às forças que queriam deter esse movimento. E com seu exemplo atearam o fogo da latino-americanidade entre os jovens mais inquietos desses países. A juventude universitária começou a mobilizar-se em apoio a essas causas e, na cidade de Córdoba, Argentina, deu a conhecer o seu manifesto em prol de uma reforma universitária latino-americana. Foi um grito de liberdade que ressoou muito além dos muros acadêmicos. Os estudantes reformistas (inspirados por Rodó, a gesta de libertação cubana e os revolucionários mexicanos) não desejavam apenas mudar a vida acadêmica. Entendiam que este passo era imprescindível para conseguir plasmar definitivamente a independência de nossos povos. Entendiam que era um processo lançado para o futuro, e que, por meio dele, se conseguiria plasmar a unidade latino-americana e caribenha: “a grande pátria”.

O ideário da reforma universitária aparece claramente na ação de grandes personalidades latino-americanas da metade deste século. Por exemplo, em Fidel Castro, em Ernesto Guevara, em Salvador Allende, em Juan José Arévalo. Não obstante, cumpre reconhecer que esse ideário não chegou a concretizar-se, nem na vida universitária nem, menos ainda,

praticavam a barbárie internamente, mas se mostravam submissos ante as potências externas. Brutalidade no interior e cortesia para o exterior, foi a demonstração da esquizofrenia das elites latino-americanas. Eram conscientes de que seu poder real era frágil; por isso buscaram apoios no exterior. Estes, evidentemente, nunca foram dados gratuitamente. Os interesses imperiais foram-se impondo gradualmente; em primeiro lugar os britânicos (a Grã-Bretanha era o império dominante durante os primeiros sessenta anos do século XIX), mas também os norte-americanos. Já em 1822, o presidente dos Estados Unidos, James Monroe, enunciara sua doutrina: “A América para os americanos”; com isso, pretendia fortificar-se contra a avidez de conquista que as potências européias da época manifestavam ter pelas terras e riquezas da América do Sul e do Caribe. Ao mesmo tempo, como a história demonstrou fielmente, por trás desse enunciado já se viam os interesses norte-americanos, que buscavam obter a hegemonia sobre a totalidade do hemisfério americano. E, então, diante dos Estados Unidos da América do Norte, começaram a tomar caráter estrutural “os estados desunidos da América Latina”. Já é lugar comum afirmar que a história da América Latina é “uma história de dominações”. Bem se

sabe que uma das técnicas dos impérios é “dividir para reinar”. O “monstro” de Martí, o Calibán de Rodó, com seu espírito pragmático, “realista”, com seu culto do “senso comum”, sutilmente nos leva a aceitar a balcanização da “grande pátria”. A utopia continua sendo utopia.

De fato, é muito difícil visualizar em termos reais a realização da “grande pátria”. Os elementos comuns da América “latina” são realmente superficiais; na verdade, foram impostos pelos dominadores coloniais que regeram a vida dos povos desta região do planeta, entre os séculos XVI e XVIII. Não se deve esquecer que tanto o castelhano como o português não são idiomas dos povos originários destas terras. Mais ainda, junto às culturas dos ameríndios devem-se levar em conta as ingerências das diversas culturas dos povos africanos, trazidos à força a estes lugares para trabalhar como escravos. É imprescindível reconhecer que “a grande pátria” é algo que está em processo, combinando ingredientes culturais bem diversos: ameríndios, africanos, latinos, asiáticos, centro-europeus. Através destes processos vai nascendo algo novo, que não pode ser reduzido a categorias abstratas como a de “latinidad”.

A caminho da “grande pátria”

Se existe algo que persiste através da história desta utopia da “grande pátria”, é a vocação à liberdade, afirmada constantemente diante de diversos dominadores. Primeiro, ante os britânicos; depois, perante os norte-americanos; hoje, ante a coalizão de interesses econômicos transnacionais que fazem sentir o peso de sua dominação sobre os povos da região. Evidentemente, não pode haver liberdade sem que haja igualdade, sem que o produto do trabalho humano seja distribuído com certa equidade. Por isso mesmo, “a grande pátria” vai sendo construída quando há esforços que tendem a plasmar a justiça e a liberdade entre nossos povos.

Esta construção deve tornar-se, necessariamente, política. No momento não o é. Em compensação, vai tomando forma por meio de contribuições culturais diversas. Por exemplo, por meio de ritmos que apelam para a liberdade do corpo, por meio de esforços que se desdobram em nível bem concreto e que permitem a união das consciências, a fim de conseguirem plasmar objetivos muito imediatos, pertencentes ao mundo do cotidiano.

Há muito a relizar neste sentido. Há, sobretudo, que superar as barreiras do provincialismo. A América Latina começa a aparecer com rosto de “grande pátria” quando há pessoas da Meso-América e Sul-América que se encon-

tram, quando dialogam com espírito construtivo homens e mulheres do Caribe com os do Cone Sul. Porque o projeto comum há de surgir desses encontros em que participam aqueles que podem dar-lhe força social para concretizá-lo.

Apêndice para protestantes

O protestatismo chegou a estas terras com rosto estranho. Mais ainda: durante muito tempo foi utilizado pelos poderes imperiais (nos quais predominava uma forma ou outra de protestatismo) para desenvolver a política de “divide et impera”. A partir da década de 1930, especialmente entre os movimentos de juventude, foi tomando corpo uma consciência de pertencimento à “grande pátria”. Expressão dessa consciência foi o movimento da União Latino-Americana de Juventudes Evangélicas (Ulaje), dos Movimentos Estudantis Cristãos (Fumec) e, sobretudo, de Igreja e Sociedade na América Latina (Isal). Todos esses, juntamente com o Centro Latino-Americano de Educação Cristã (Celadec) e outros organismos, souberam expressar claramente este pertencimento à “grande pátria”.

Mais importante, porém, foi o surgimento de um movimento no campo religioso, pelo qual diversas expressões religiosas, nascidas a partir do protestatismo, começaram a enraizar-se na diversidade cultural de nossos povos. Os evangélicos, então, começaram a perder o rosto estrangeiro para se “indigenizar”.

Ambos os movimentos — tanto o que ocorreu sobretudo em nível conceitual como o que vai tomando forma com as vivências religiosas que se encarnam nas culturas da região — são também contribuições para que se venha a concretizar a utopia da “grande pátria”. Por meio do primeiro movimento, o desejo se transforma em pensamento, se articula o mais logicamente possível; mediante o segundo, as vivências profundas se expressam nos cânticos, liturgias, gestos. Para ambos se apresenta o mesmo desafio: levar o sentido que tanto promoveu as expressões conceituais como as simbólicas a desembocar numa ação que seja coerente com esse sentido que nutre a utopia. Esta não se concretizará de repente, como por milagre, mas com esforço, com a obstinação do desejo... “passo a passo, golpe a golpe. Caminhante, não há caminho; abre-se caminho ao andar”.

Julio de Santa Ana é teólogo metodista e secretário-executivo do Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e Educação Popular (Cesep).

A presença protestante na colonização do Brasil

João Dias de Araújo



Nas lembranças dos 500 anos da presença europeia na colonização das Américas, é comum aparecer a idéia errada de que essa história é exclusividade da Igreja Católica Romana, como se as igrejas protestantes nada tivessem a ver com o nosso passado colonial. É puro engano. Nos séculos XV e XVII os protestantes participaram ativamente dessa história, não só na América do Norte, como também em várias partes da América Latina e do Caribe. Puritanos ingleses, huguenotes, luteranos, calvinistas, presbiterianos, morávios e anglicanos participaram das conquistas e da colonização das Américas.

Na história do Brasil, há registro de dois períodos da presença protestante na colonização: no século XVI, os huguenotes franceses no Rio de Janeiro (1555-1560); e no século XVII, os calvinistas holandeses no Nordeste (1630-1654). Vamos destacar alguns fatos marcantes dessas duas experiências missionárias e colonizadoras.

Os huguenotes no Rio de Janeiro

O vice-almirante Nicolas Durand Villegaignon, sob a ordem e o apoio do almirante Coligny e do próprio Rei Henrique II, da França, ancorou dois navios na baía do Rio de Janeiro, no dia 10 de novembro de 1555. Trazia nos navios dezenas de imigrantes calvinistas que desejavam fugir da perseguição religiosa que imperava na França, em plena época da Reforma. Dois anos depois, em 1557, com o sucesso e o desafio da colonização e da evangelização, foi solicitado o envio de mais colonos. Chegaram três navios com 300 colonos com uma carta do próprio João Calvino, o qual escolheu “dois pastores ordenados para ajudarem os colonos e para estabelecerem a ordem e a disciplina na Igreja, segundo a forma de Genebra” (Klaus van der Gripp. *Protestantismo Brasileiro*, CEHILA, p. 1). Nesse curto período da tentativa de fundar a França Antártica nas terras do Brasil, destacaremos os seguintes fatos:

1. A celebração do primeiro culto reformado no Novo Mundo e a implantação da primeira igreja protestante no Continente;

2. A traição de Villegaignon, que negou suas convicções protestantes e passou a perseguir os líderes da nascente igreja. Foi cognominado, pelos huguenotes, de o “Caim da América”;

3. A redação da “Confessio Fluminensis”, um texto de afirmações teológicas produzido pelos teólogos huguenotes, pressionados por Villegaignon. Com base nessa Confissão, Villegaignon mandou executar três dos seus signatários (9

de fevereiro de 1558) — os primeiros mártires da Fé Reformada no continente americano;

4. Um dos pastores que escapou, Jacques de La Balleur “acabou, em 1567, sendo enforcado como herege, por ordem de Mem de Sá, no Rio de Janeiro, depois de oito anos de prisão na Bahia, em cárcere e ferro” (Fernando de Azevedo: 1963).

A experiência da colonização francesa terminou em maio de 1560, com a queda da colônia nas mãos de Mem de Sá.

Os calvinistas holandeses no Nordeste

Em 1623 a Holanda resolveu ampliar seus interesses comerciais no Atlântico, por meio da Companhia das Índias Ocidentais. No ano seguinte o governo holandês decidiu atacar a costa brasileira e escolheu a Bahia de Todos os Santos. Em Salvador, permaneceram por um ano, e, devido à precariedade da colonização, foram expulsos pelos portugueses.

A segunda tentativa foi em 1630, quando tomaram a cidade do Recife e, pouco tempo depois, Olinda. Asseguraram assim o domínio holandês em Pernambuco por vinte e quatro anos. Exerceram atividades também em outras cidades do Nordeste.

Durante esse período de colonização holandesa, os calvinistas, com o apoio do príncipe João Maurício de Nassau-Siegen, desenvolveram importante trabalho pastoral e missionário. Foram fundadas 22 congregações, com 50 pastores em atividade. Estabeleceu-se, em Recife, um consistório que teve 19 sessões de presbitério e 4 de sínodo, que envolviam quase todo o Nordeste entre 1636 a 1648. Foi aberto o trabalho missionário entre os índios, na Paraíba (1638).

O padre jesuíta André de Barros referiu-se ao trabalho missionário holandês feito com os índios da Paraíba: “estavam muitos índios tão calvinistas e luteranos como se nasceram na Inglaterra e na Alemanha... chamavam a Igreja (Católica) de ‘moanga’, que quer dizer ‘falsa’ e a doutrina de ‘moranduba abarés’, patranhas de poderes” (Fernando de Azevedo: 1963).

Apesar da excelente administração do conde Maurício de Nassau, o governo holandês resolveu retirá-lo do Brasil por causa de divergências nas estratégias da colonização. Em 1644 foi substituído. Após uma série de crises políticas e comerciais, a colonização holandesa terminou em 26 de janeiro de 1654, com a rendição das tropas holandesas na campina do Taborda.

Características da colonização calvinista

1. Em busca da liberdade religiosa — Os huguenotes franceses vieram para o Bra-

sil, a fim de fugir da perseguição religiosa na França. Aspiravam aqui pela liberdade religiosa, por isso ficaram decepcionados quando o comandante, Villegaignon, começou a persegui-los por causa de suas convicções religiosas. Por outro lado, os calvinistas holandeses tentaram implantar, na Colônia, a tolerância religiosa para com todos os não-protestantes: católicos, judeus, índios e negros. Essa tolerância fazia parte da política pluralista da Holanda, que se tornou, naquela época, um lugar de refúgio para os perseguidos por motivos de crenças ou de idéias. Essa atitude estava ausente na colonização portuguesa.

2. Evangelização — Tanto os franceses como os holandeses tiveram uma estratégia de evangelização bem diferente da católica portuguesa. Não havia a preocupação de batizar “em massa” os índios e os africanos. A primeira preocupação dos calvinistas foi a de entender a língua dos índios, e não de convertê-los para salvar as almas deles. Os missionários holandeses chegaram a preparar um catecismo trilingüe: tupi-holandês-português. Era uma pedagogia de orientação ao índio, em primeiro lugar, e não de batizá-lo à força, sem que ele entendesse o significado do sacramento. Podemos afirmar que a prática evangelizadora dos calvinistas foi muito mais lenta do que a católica. Isso é explicado, em parte, por causa da doutrina calvinista da predestinação (somente a graça irresistível de Deus pode converter o incrédulo).

3. Atitudes para com os índios e negros — Os franceses ganharam a amizade dos índios do Rio de Janeiro. Não havia interesse dos franceses em tomar as terras deles e se fizeram seus aliados contra os portugueses. Isso se deu por causa das motivações que trouxeram os franceses huguenotes para o Brasil e por causa da teologia reformada de Jean de Lerry, que valorizava o ser humano índio, reconhecendo-o como superior ao europeu, na chamada vida cotidiana. O índio, para Lerry, precisava aprender sobre a “vida eterna” porque sobre a “vida mortal” ele podia até ensinar o europeu como viver.

Os calvinistas holandeses, apesar de não terem acabado com a escravidão, resolveram humanizar mais o trabalho escravo. Com a doutrina calvinista da vocação e do trabalho, os holandeses sabiam que a escravidão era condenável diante de Deus e somente permaneceram com esse sistema por causa da falta de mão-de-obra. Por causa desse drama de consciência cristã, empenharam-se por conseguir uma situação melhor para a vida social e física de índios, de africanos e pobres. Uma das vitórias conseguidas foi o descanso dominical para os escravos negros e índios. Apesar disso, os pas-

tores chegaram a pensar que a expulsão dos holandeses foi um castigo de Deus porque negaram a apresentação do Evangelho aos negros.

4. Oposição ao papa — Tanto os franceses como os holandeses agiram contra as ordens do papa Alexandre VI, que em cinco bulas do ano de 1494, outorgou aos reis católicos (da Espanha) sobre as ilhas e países adquiridos por eles no oceano a “plena, livre e ilimitada potestade, autoridade e jurisdição” e com os mesmos direitos que o papa Nicolau V atribuiu aos portugueses na região da África Ocidental. Posteriormente, pelo Tratado de Tordesilhas, o papa dividiu o Atlântico por um meridiano que corria 370 milhas marítimas a oeste das ilhas de Cabo Verde. Com isso o Vaticano asseguraria o domínio lusitano sobre o que seria posteriormente o Brasil (Paulo R. Schilling, in: *Dívida Externa e Igrejas* — CEDI).

Em plena época da Reforma e da Contra-Reforma, França e Holanda não acabavam decretos papais. Ainda mais a Holanda que estava em guerra contra a Espanha, que por sua vez dominava as terras de Portugal.

5. Teocracia pluralista — A doutrina da soberania de Deus, acima de todos os poderes políticos, era um dos ensinamentos de Calvino. Os huguenotes tentaram implantar uma teocracia; por isso, quando Villegaignon proibiu a pregação do Evangelho, os huguenotes declararam que, tendo Villegaignon renegado a sua fé e apostatado da religião, não mais o reconheceriam como senhor soberano, mas o tomavam por tirano e inimigo da república (Gripp).

Em relação aos holandeses, o mesmo historiador explica: “a chave para a compreensão da ação pastoral missionária dos holandeses no Brasil é o conceito calvinista de teocracia, isto é, o desejo de subordinar todos os aspectos da vida, tanto particular quanto pública aos mandamentos de Deus expressos nas Sagradas Escrituras. A realização de tal desejo dependia da interação entre o ministério eclesiástico, que era essencialmente o ministério da Palavra, e a autoridade civil, cujo dever era regulamentar a vida pública, conforme as normas da Palavra”.

Nas lembranças dos 500 anos podemos lucrar muito com os acertos e desacertos dos colonizadores protestantes e aprender hoje a cumprir a nossa missão como cristãos e como igrejas no final deste milênio.

João Dias de Araújo é pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil em Feira de Santana/BA e diretor-geral do Instituto de Teologia da Bahia, em Salvador.



Entidades cristãs promovem curso sobre liturgia

Obter uma melhor integração da música na liturgia, mediante uma preparação adequada dos agentes. Este é um dos objetivos do Curso Ecumênico de Formação e Atualização Litúrgico-Musical (Celmu), que vai acontecer no Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS) — São Bernardo do Campo/SP — de 11 a 29 de janeiro de 1993.

Promovido por diversas entidades cristãs, o curso é dirigido a compositores, letristas, animadores de canto, regentes e outros que estejam engajados nas ações litúrgico-musicais e que garantam o efeito multiplicador nas comunidades. Entre as disciplinas oferecidas, destacam-se canto coral, técnica vocal, regência, salmos e cânticos bíblicos, análise poético-litúrgica, ritmos brasileiros, entre outras. Maiores informações podem ser obtidas na secretaria do evento: Rua do Sacramento, 230, Rudge Ramos, São Bernardo do Campo, SP — tel: (011) 457-3733 ramal 1220.

Juvenis metodistas repudiam racismo

A juventude metodista de todo o Brasil, reunida em congresso nacional, distribuiu manifesto no qual estranha e lamenta o

caso de discriminação racial e econômica contra o juvenil Ptolomeu Palma.

A Igreja Metodista do Brasil foi convidada a participar, com uma representação de dez juvenis, do "Encontro Internacional da Paz", nos Estados Unidos. Apesar de a Igreja empenhar seu nome, garantindo que após o evento todos os jovens retornariam ao País, o consulado norte-americano vetou Ptolomeu Palma. Além de ser pessoa não-abastada, ele é negro.

"A juventude metodista expressa sua indignação pelo fato de verificar-se a impossibilidade de se apresentar, visando o intercâmbio cultural, educacional e social, aos jovens que não possuam condições econômicas satisfatórias e que pertençam a países do Terceiro Mundo, mesmo com a garantia e o apoio de uma instituição como a Igreja Metodista", destaca o manifesto. E conclui: "Vimos perante a nação brasileira, a comunidade internacional, a Igreja Metodista no Brasil e nos Estados Unidos, expressar a nossa estranheza e o nosso repúdio diante desse fato discriminatório".

Igreja pede providências contra trabalho escravo

O vigário de Rio Maria (sul do Pará), Ricardo Rezende, pleiteou junto à Comissão de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) que o governo brasileiro seja julgado por omissão nos casos de trabalho escravo detectados no País.

Os levantamentos da Comissão Pastoral da Terra (CPT) indicam que, comprovadamente, existem quase cinco mil pessoas trabalhando em regime de escravidão no Brasil, distribuídas em

27 fazendas pelo território nacional.

O dossiê preparado pela CPT mostra que o estado de Mato Grosso é o campeão em trabalho escravo, com 1.260 trabalhadores em regime de servidão absoluta. Recrutados nas cidades e em diversos estados brasileiros para trabalharem nas fazendas, os candidatos a colono são ludibriados por propostas vantajosas, que se convertem em um verdadeiro inferno. (*Correio Braziliense*, 22/9/92)

Pela unidade entre os povos

Compartilhar experiências e assumir compromissos sobre a

evangelização, a defesa da terra e do meio ambiente, a luta contra o racismo e a discriminação da mulher. Com este objetivo, mais de 175 pessoas participaram do Encontro Ecumênico "500 anos: Martírio e Esperança" (Bolívia, 10-14 de agosto), convocado pelo Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai).

Três atores sociais — mulheres, negros e indígenas — ocuparam o centro das reflexões. Os povos indígenas ressaltaram que, apesar da humilhação e do despojo de suas terras, cultura e teologia, mantêm-se firmes e com esperança na luta pela construção de uma nova sociedade. Já os negros expressaram sua dor porque seus povos foram ví-

timas da escravidão, do genocídio e da segregação, mas sustentaram, ao mesmo tempo que a resistência e a luta lhes permitem "abraçar e apoiar os despossuídos desta terra e juntos buscar um novo céu". Por sua vez, as mulheres denunciaram que têm sido ignoradas pela história e que sofrem, na atualidade, uma dupla ou tripla discriminação por ser mulher, pobre e indígena ou negra.

O Encontro terminou com um apelo à busca da unidade dos povos, e uma exortação às igrejas para que contribuam para manter a esperança e para estimular a prática do amor e da solidariedade. (*Rápidas*, agosto/1992)

DENTRO DO CONTEXTO

De Roma

O papa João Paulo II mandou uma bênção apostólica para o bispo de Santa Maria (RS), dom Ivo Lorscheiter, saudando os participantes do 8º Encontro de Comunidades Eclesiais de Base. A mensagem foi recebida como a consagração das comunidades eclesiais de base pelo Vaticano. (*JB*, 8/9/92)

Conversas com Rubem Alves

O Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (Cebep) promove três dias de conversas com o teólogo Rubem Alves. O papo vai acontecer de 20 a 22 de novembro em Vinhedo (SP). Outras informações: (0192)41-1459.

Setenta belos anos

Dia 25 de setembro foram comemorados em São Paulo os setenta anos de Antônio Gouveia Mendonça. Ele é pastor da Igreja

Presbiteriana Independente do Brasil, doutor em Sociologia da Religião, e atualmente é professor no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião no IMS — São Bernardo do Campo (SP). Ele é um dos mais importantes estudiosos do protestantismo no Brasil.

Igreja Católica pede perdão

Quinhentos anos depois de os católicos terem participado na conquista espanhola da América Central, a Igreja Católica da Guatemala pediu perdão aos indígenas. Houve "erros e contradições nas ações dos membros da Igreja", disse o bispo da Guatemala numa carta pastoral, recentemente publicada. (*Público* — Lisboa, 30/8/92)

Não teve jeito

Depois da mensagem de frei Damiano, o então presidente Collor recebeu o apoio da Confederação

Nacional das Assembleias de Deus. O presidente da entidade, Estêvão Martins de Souza Coutinho, colocou à disposição de Collor deputados e senadores evangélicos para paralisar o processo de impeachment. À toa.

Posição firme

Durante toda a "novela" do impeachment, igrejas cristãs se colocaram a favor de uma apuração séria de todos os escândalos políticos que envolvem o País e a punição dos culpados. O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs destacou a importância da mobilização popular e a vigilância na oração pela nação.

No apagar das luzes

Num de seus últimos atos antes de ser afastado, o presidente Collor renovou, por quinze anos, a concessão da TV Record de São Paulo, do "bispo" Edir Macedo.

VATICANO II: O ESPÍRITO QUE NÃO SE DEIXA REPRIMIR (11 de outubro)

Os bispos da América Latina realizaram a IV Conferência Episcopal Latino-Americana. Isso faz lembrar Medellín (1968), que foi afirmado como Concílio Vaticano II na América Latina: o compromisso evangélico com a justiça, a opção pelos pobres e as Comunidades Eclesiais de Base. Uma Igreja ecumênica, pobre, em processo de libertação.

Quando João XXIII convocou o Concílio Ecumênico Vaticano II, ele queria que o sopro do Espírito varresse a poeira que afastou a Igreja do mundo em processo de secularização, do mundo moderno. João XXIII queria que toda a Igreja Católica e as outras igrejas cristãs pudessem deixar o Espírito falar, para aprenderem com Ele a pronunciar uma linguagem que o mundo ouvisse, uma linguagem para anunciar o Cristo que converte a todos, totalmente, em seus seguidores.

O Concílio iniciou-se em 11 de outubro de 1962 e durante as 168 congregações gerais, reuniu 2.498 padres conciliares de 85 nações de todos os continentes, e numerosos observadores-delegados ecumênicos. Os delegados brasileiros tiveram a oportunidade de permanecer juntos e experimentaram, de fato, a colegialidade. Os dezesseis documentos produzidos procuraram expressar a riqueza e esforço ecumênico que foi o Concílio. Certamente, o mais importante evento realizado pela Igreja Católica neste século.

Porém, quando completaram vinte anos da conclusão do Concílio, antes do Sínodo Extraordinário convocado pelo Papa João Paulo II, o cardeal Ratzinger fez uma crítica bastante veemente contra o Concílio. Para ele, "os resultados que se seguiram ao Concílio parecem cruelmente opostos às perspectivas de todos, a começar pelas do papa João XXIII e, depois, as de Paulo VI".

Mesmo com a participação de apenas 1/3 dos padres conciliares, o Sínodo constatou com alegria que o Concílio Vaticano II foi um momento de experiência da graça de Deus e dom do Espírito Santo; uma legítima e válida interpretação do depósito da fé; e que é necessário continuar o conhecimento da letra e do espírito do Concílio.

Vaticano II pretendeu ser uma experiência ecumênica e assegurar que a Igreja Católica pudesse aprender mais no diálogo com os "irmãos separados". Além disso, na América Latina a vivência do espírito do Concílio levou a um reconhecimento cada vez maior do papel das Comunidades Eclesiais de Base como agentes da nova evangelização. O Sínodo afirmou que as CEBs são uma verdadeira expressão da comunhão e instrumento para edificar uma comunhão mais profunda.

A atualidade da Reforma

Lauri Emilio Wirth

Buscar impulsos num processo histórico do passado requer alguns cuidados. As teologias da Reforma refletem problemas de uma realidade específica, diferente da nossa. Captar semelhança no campo econômico, político, social e religioso é importante, fundamental até. Ainda assim, aquele contexto — lutas, esperanças, projetos — não é o mesmo. Deste modo, aproximar-se da Reforma não implica buscar formas exatamente válidas. Mas o sentido da volta às fontes está na procura por critérios, impulsos e inspirações para a elaboração de perguntas e respostas que, obviamente, são diferentes daquelas formuladas há 500 anos.

Decorre daí um segundo cuidado, atinente ao referencial a partir do qual nos aproximamos da Reforma. Cada período histórico e cada corrente teológica fez sua leitura particular das fontes. Enquanto o pietismo destacou a renovação espiritual e o voluntarismo, a ortodoxia insistiu na confessionalidade. E se a teologia liberal leu a Reforma a partir da relação existencial do indivíduo com Deus, o iluminismo viu na liberdade de consciência sua maior contribuição. Isto significa que falar da Reforma implica destacar determinadas facetas de um processo histórico complexo e omitir muitas outras. Convém perguntar pelos critérios desta seleção. O que determina nossas opções e omissões?

Neste sentido, proponho uma aproximação ao processo da Reforma pela porta da justificação pela fé. Esta opção tem significância por se tratar de um eixo central que une as leituras da Reforma no mundo protestante. Pergunto, num primeiro momento, pela relevância da descoberta deste tema da teologia paulina no contexto da Reforma. A reconstituição do quadro não é neutra. Tem a ver com um segundo momento, quando o interesse estará voltado para a relevância atual da temática.

O contexto

Enea Silvi Piccolomini, mais tarde papa Pio II, recebeu, quando nomeado car-

deal, uma saudação que ilustra muito bem o contexto histórico da Reforma: "Para os ministérios eclesiásticos, não são designados aqueles que o merecem, mas aqueles que mais pagam. Diariamente são lançadas novas indulgências para arrecadar dinheiro... A Cúria Romana dispõe de mil mecanismos para extorquir nosso ouro... Mas agora os melhores dentre nós... estão refletindo para se opor a esta situação. Eles querem se libertar do jugo e retornar à liberdade de outrora. Não serão poucas as perdas da Cúria Romana, se os príncipes concretizarem o que pretendem". Esse documento, escrito em 1457, reflete uma crise profunda e generalizada, de cujo contexto emergem as nobrezas nacionais como atores principais. Fortalecidas pela decadência do império e da igreja imperial, estas nobrezas, contudo, vêm sendo acudadas por reivindicações das camadas subalternas em seus territórios. Embora a predominância das reivindicações econômicas, o contexto também se caracteriza por uma profunda crise de credibilidade nas instituições civis e, principalmente, eclesiásticas.

Sem esgotar a complexidade do tema em estudo, é possível constatar uma convergência entre os setores que determinaram teologicamente os rumos da Reforma e os interesses das nobrezas nacionais. Principalmente na obra de Lutero essa convergência é evidente. Explicável em parte por ser Roma o inimigo comum, esse fato tem raízes profundas na compreensão luterana do poder secular. Lutero tornou a Bíblia acessível a todos os crentes, mas negou à justiça divina uma concreticidade social. As consequências sociais do acesso dos crentes à Palavra estavam restritas à denúncia profética, mas jamais poderiam perverter a ordem constituída. A defesa da realidade social como critério hermenêutico ficou por conta dos setores chamados entusiastas, radicados entre as camadas populares. Thomas Müntzer elegeu os socialmente marginalizados como depositários privilegiados da revelação divina, abrindo,

com isso, caminho para a autonomia teológica do movimento social, massacrado em 1525.

Não obstante a importância decisiva do contexto histórico, tanto para o sucesso inicial quanto para os rumos posteriores do processo, o centro vital da Reforma é teológico. É na teologia que se encontram as rupturas e as novidades que conferem vitalidade ao movimento. E não obstante a infinidade de facetas temáticas, parece ser a redescoberta da doutrina paulina da justificação pela fé o núcleo teológico de todos os desdobramentos teológicos subsequentes.

Justificação pela fé

A Igreja medieval conhecia a graça como a capacitação do crente para cumprir a lei. Todo cristão estava apto à perfeição diante de Deus, na medida em que orientasse toda a sua existência para este alvo. A vida monástica, com seu ascetismo característico, e a negação do mundo tem fundamento nesse enunciado teológico. Para o leigo, o acesso à graça se dava por meio das boas obras. As instituições eclesiais, tidas como herdeiras do excedente da graça adquirida por Jesus, pelos santos, enfim, por todo os perfeitos, disputavam dela como melhor lhes convinha. Daí os mil mecanismos, referidos acima, para reverter pecados, amenizar penitências e, não por último, arrecadar fundos.

A implosão desse corpo de idéias foi possível, quando se tentou levar o status da perfeição às últimas consequências, descobrindo-se não a unidade com o ser de Deus, mas um juiz supremo diante do qual todo ser humano estaria irreversivelmente perdido. A descoberta do enunciado teológico de que "o justo viverá por fé" desempenhou papel revolucionário na medida em que o contexto de crise generalizada abriu espaço para sua concretização histórica. A partir daí, os mil mecanismos de acesso à graça perdem sentido. Somente a fé leva a Deus e isto é graça. A fé liberta da busca do mérito diante de Deus e capacita para o serviço no mundo. Agora é no relacionamento

com o outro, com o diferente, que a existência ganha sentido, na medida em que a fé é sujeito e o amor o objeto da ação desse sujeito. Assim, saber-se agraciado pela fé não implica uma mudança interior, mas uma postura de estar voltado para Deus servindo o outro. Trata-se de um perfil de vida que extrapola o discurso teológico, englobando todas as esferas do relacionamento social.

Contudo, a justiça daí decorrente é justiça passiva, captada unicamente na fé e restrita à postura do crente em relação a Deus. Principalmente para Lutero, a justiça de Deus só atinge o relacionamento social na medida em que liberta o indivíduo justificado para o serviço ao próximo. E esta idéia ganhou corpo justamente quando setores sociais subalternos começaram a perguntar pela concreticidade histórica do direito de Deus. Estaria aí uma chave para se entender a dificuldade das igrejas protestantes em se relacionarem com os movimentos sociais?

Desta forma, saber-se justificado implica a renovação da consciência. A pessoa justificada tem consciência de si e de sua situação social. Sabendo-se pecadora, se descobre justificada, isto é, aceita por Deus. É a superação da alienação na relação com Deus e o encontro consigo mesma. Esse encontro no âmbito da fé é que capacita para o engajamento pela superação da alienação na sociedade. A pessoa reconciliada com Deus pela fé quer a humanidade reconciliada consigo mesma. A fé é o agente, e o amor é a obra. Dois aspectos inseparáveis de um todo, assim como o brilho não se separa do sol. Ou seja, o sol só é sol enquanto brilha.

Assim, encontrar-se consigo mesmo tem a ver com a superação da alienação no mundo do trabalho e nas relações afetivas. Significa não se resignar diante do pecado, não só pessoal, mas institucionalizado socialmente.

Lauri Emilio Wirth é teólogo luterano e professor no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião no IMS — São Bernardo do Campo.

SÃO JERÔNIMO E A "VULGATA" (30 de setembro)

Entre os séculos IV e V viveu Jerônimo, um palestino, nascido na Dalmácia. Nesse período não havia perseguição do Império aos cristãos, era um período de relativa tranquilidade para as comunidades. Uma das decorrências do período da perseguição era que as comunidades cristãs não tinham acesso ao texto bíblico, pois este somente era encontrado nos originais: hebraico, grego e aramaico. Os cristãos não usaram a língua dos perseguidores — o latim. Porém, o latim era a língua comum nas colônias do Império, em especial o latim vulgar. Havia uma enorme balbúrdia nas edições latinas, com várias traduções infielis ao texto bíblico.

Entre 382-385 Jerônimo vivia em Roma, e o papa Dâmaso pediu que ele fizesse, entre outras coisas, uma tradução latina da Bíblia. Ele era um profundo conhecedor dos autores gregos e latinos, além de ser palestino. Famoso por sua erudição bíblica, foi encarregado de submeter a tradução conhecida por itálica a uma revisão. Era uma contribuição a mais à vida das comunidades cristãs. Como testemunhavam vários Padres da Igreja, a vida litúrgica das comunidades incluía a leitura da Palavra.

Terminada a revisão dos Salmos, São Jerônimo viajou à Palestina para consultar a Hé-

xapla de Orígenes. Como fruto disso, resultou uma nova revisão do Saltério. Essa revisão estava em uso na igreja latina até a nova tradução editada pelo Instituto Bíblico em 1945. Terminado o Saltério ele revisou outros livros do Antigo Testamento.

Já em 383 o Novo Testamento estava concluído. Em 390 publicou o livro dos Reis; em 391, os Salmos; em 405 concluiu a tradução dos livros do Antigo Testamento, aos quais se seguiram ainda Tobias e Judite, traduzidos do aramaico, bem como trechos gregos de Daniel e Ester. O próprio Jerônimo confessa ter concluído algumas traduções às pressas. Porém, sua tradução é considerada até hoje uma obra-prima.

Foi em Belém que Jerônimo concluiu a tradução para o latim de todos os livros da Bíblia. Aliás, essa tradução é de enorme importância para o estabelecimento do cânone bíblico da Igreja Católica Romana, que possui 73 livros (46 no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento). Essa tradução latina tornou-se tão popular que passou a chamar-se "Vulgata", que significa vulgarizada.

A "Vulgata" é testemunho do amor de Jerônimo à Bíblia. Ele morreu em 30 de setembro (ano 419), dia em que se lembra da "Vulgata".

Um desafio à prática cristã

Reflexões sobre João 9

Paulo Roberto Garcia



A cura do cego de nascença (João 9) traz desafios fundamentais para a prática cristã. O texto está inserido nas controvérsias com os fariseus, por isso dá conta de uma realidade maior que a do tempo de Jesus. Ao falar sobre a prática de Jesus, reflete também a situação da comunidade cristã joanina do final do primeiro século e convida ao discernimento.

Preconceito e Reino de Deus

O texto principia com a descrição do conflito criado pelo preconceito legalista diante da realidade de um cego de nascença. Para a lei judaica, a doença era sinal de castigo divino sobre algum pecado que o portador dela tivesse praticado.

Com isso, o resultado prático era o de ninguém responsabilizar-se por aqueles que sofrem. Se alguém estava enfermo, era castigo divino. A culpa do castigo era dele mesmo, uma vez que foi por seu pecado que ele chegou a essa situação.

A situação se complica quando a pessoa que aparece na sociedade é alguém que nasceu enferma. É uma questão séria, uma vez que, se a enfermidade é castigo por pecados, alguém que nasce enfermo, ou é pecador de ventre ou paga por pecados de outros.

A prática de Jesus ficou marcada por uma oposição a esse tipo de pensamento. É conhecida nos textos bíblicos a presença de muitos enfermos à sua volta. No movimento de Jesus, essas pessoas encontravam seu espaço e possibilidade de vida.

Neste capítulo, contudo, a questão é levada mais a fundo. Nele o texto desmascara toda a mentira da lei judaica, uma lei que, na época de Jesus e, mais intensamente ainda, na época vivida pela comunidade joanina, era exercida em

nome de Deus para manter o poder de um grupo especial — os fariseus.

Na época de João, esse grupo usava a Lei não apenas para excluir os enfermos, mas também aqueles que professavam sua fé no Cristo (Jo 9.22). Uma lei que exclui pessoas não pode ser justa, pois traz em sua filosofia o princípio de que todo aquele que é diferente deve ser excluído.

O Reino de Deus foi a mensagem que consolou e fortaleceu a todos os excluídos, dando-lhes esperança e nova orientação de vida. Contudo, o Reino de Deus é critério de discernimento para julgar as leis que organizam a vida e a sociedade. É o que se demonstra aqui.

Desmascarando a Lei

A narrativa principia com uma dura realidade. Entre os seguidores de Jesus (e também da comunidade de João, que nos legou este texto) os preconceitos da Lei estão presentes. A pergunta “quem pecou para que o homem nascesse cego” mostra como a lei controla o pensamento dos discípulos. A dificuldade deles está em descobrir onde se localiza o pecado. Ou seja, a Lei, na concepção deles, está certa. Se ele está enfermo a culpa é dele, pois em algum lugar de sua ascendência genealógica localiza-se um pecado que lhe maculou a vida.

A frase de Jesus desmascara essa mentira. Nem ele, nem ninguém de sua família pecou. Desse modo, a Lei está errada. A enfermidade não é lugar de castigo, é espaço de graça. A comunidade de fé encontra na doença o lugar para o exercício de sua vocação de solidariedade.

Com isso a lei dos fariseus é desmascarada, a lei que exclui pessoas vai contra a mensagem do Reino de Deus. O Reino de Deus é boa-nova que devolve a vida. Tudo o que exclui da vida de pessoas é contra o Reino.

Enfrentando a Lei

A continuidade do texto mostra uma mudança radical nas atitudes do cego. Aquele que vivia à margem, agora está pronto a entrar no Templo para enfrentar aqueles que o excluíam da vida. O cego, agora curado, se torna o centro do relato.

Quem não muda de atitude são os fariseus. O cego, agora curado, é declarado novamente pecador. A cura se deu em um sábado. Desse modo, quem o curou era um pecador pois realizou esforço nesse dia chamado “santo”.

Se antes a enfermidade era sinal de pecado, agora é a cura. De qualquer modo, ele continua à margem e termina sendo expulso da sinagoga. Agora por ser seguidor de um pecador — Jesus.

Essa realidade falava muito alto à comunidade de João. Eles também eram expulsos da sinagoga por seguirem Jesus. Por isso o nosso texto atingia o âmago dos problemas enfrentados por ela. Isso só confirmava a tese de que uma lei que justifica uma exclusão justifica qualquer outra. Uma hora é o enfermo, outra é o seguidor de Jesus. Essa lei não pode ser de Deus.

A mensagem — desafio para os cristãos de outros tempos

A cura do cego ganha para a comunidade de João não apenas o sentido do contar uma história, mas também uma mensagem muito profunda. Para eles, o problema não era necessariamente a cegueira física, mas sim o ser excluído da sinagoga por crer em Jesus. Eram chamados a serem fiéis à tradição dos pais, ou então serem fiéis ao Cristo.

O texto vai dizer que a cegueira é dos que não percebem a vontade de Deus; dos que se escondem detrás de uma lei que exclui pessoas, e não possibilita à vontade de Deus manifestar-se.

Uma fé que coloque sobre o portador de uma doença a pecha de pecador, ou de portador do pecado de outrem é contrária à fé cristã, e contra esse tipo de fé clama o Reino de Deus. Isso vale não apenas para doenças, como também para outros fatores que, marcando a vida de pessoas, tornam-nas diferentes das demais, diferença essa que seria uma suposta base para justificar a discriminação. A mensagem cristã chama a comunidade à prática da solidariedade diante dessas pessoas ou grupos.

Também, a comunidade que tem seus olhos abertos a essa realidade da fé cristã assume o papel central de enfrentar e desmascarar as leis (muitas vezes são chamadas de fé, teologia, doutrina, etc.) que se fundamentam sobre princípios contrários à mensagem cristã.

Finalmente, a comunidade é chamada a assumir, profeticamente, seu lugar à margem da sociedade que organiza a vida de acordo com esses princípios. No final do texto, o cego, como a comunidade de João, termina excluído da sinagoga, à margem da história. Só que uma margem profética, uma margem que clama contra aqueles que acreditam que esse tipo de lei está certa.

Na margem é que encontramos o Senhor.

Jesus ouviu que o tinham expulsado, e, encontrando-o, disse-lhe: Crês tu no Filho de Deus?

Ele respondeu, e disse: Quem é ele, Senhor, para que nele creia?

E Jesus disse-lhes: tu já o tens visto, e é aquele que fala contigo.

Ele disse: Creio, Senhor. E o adorou. (Jo 9.35-37 — Ed. Almeida)

Paulo Roberto Garcia, pastor metodista, é teólogo, biblista e professor na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista (São Bernardo do Campo/SP). Texto elaborado para o Centro Teológico Regional da 3ª Região Eclesiástica da Igreja Metodista do Brasil.

IGREJA PRESBITERIANA UNIDA DO BRASIL — IPU (10 de setembro)

É o mais novo grupo dissidente da herança de Ashbell Green Simonton. Entretanto a origem não está propriamente em desentendimentos quanto a idéias (estes existiram e ainda existem), mas é fruto de um período de perseguição e martírio. De fato, ainda hoje, pessoas, igrejas e grupos que se afinam com a proposta da IPU se conservam dentro da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) porque escaparam à sanha *macarthista*, uma epidemia que se cevou nas raízes do regime de exceção implantado no Brasil com o Golpe de 1964.

Os desencontros internos dentro da IPB tiveram início com a eclosão do movimento ecumênico. Na mesma época e local (Amsterdã, 1948) em que se constituiu o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), com a participação das igrejas ortodoxas russas, acintosamente se constituiu o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC) que, fruto das idéias do *macarthismo* norte-americano, via no CMI duas infiltrações: a dos católicos e a dos comunistas.

Donde, duas forças do pensamento, presentes em toda a sociedade, afloram e, alimentadas pela arbitrariedade política, produzem inquisição, repressão, opressão: o modernismo progressista que se tenta identificar por uma palavra-chave, comunismo; e o mesmo modernismo dentro das igrejas identificado com outra palavra-chave, ecumenismo.

Cabe ressaltar a figura profética de Richard Shaull que consegue mexer com a juventude e com os seminários. As sementes de renovação alteram a vocação de muitos. E porque a Confederação da Mocidade Presbiteriana persiste, é extinta; e porque professores de seminários persistem, têm salários retidos ou são demitidos e um seminário é fechado; e porque sínodos, presbitérios e comunidades persistem, são dissolvidos.

As elites dirigentes da Igreja expurgam, excluem, demitem, despojam (a pena mais grave) ministros e professores. Ou apontam-nos às instituições repressoras do poder público. E são esses: ministros, comunidades locais e presbitérios que organizam (1978) a Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas que, anos depois, se declara Igreja Presbiteriana Unida.

O adjetivo “Unida” carrega dois significados: um por ser a reunião dos que foram dispersos; outro porque, embora pequena, a IPU se filia a todos os organismos ecumênicos no plano internacional, continental e nacional.

O grande projeto da IPU é recuperar as tradições reformada e presbiteriana e ser um espaço pluralista de convivência fraterna voltada para o serviço.

NATAL EM TOM BRASILEIRO

Ao se aproximarem as comemorações de Natal, CONTEXTO PASTORAL oferece aos leitores uma proposta litúrgica de celebração natalina. Ela pode ser usada em cultos, devocionais e reuniões domésticas.

Prelúdio

"Bachianas brasileiras" (Villa-Lobos)

Anunciação

DIRIGENTE: Na bruma leve das paixões que vêm de dentro tu vens chegando pra brincar no meu quintal.

COMUNIDADE: Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais.

DIRIGENTE: Da cepa nasceu a rama, da rama nasceu a flor, da flor nasceu Maria, de Maria o Salvador.

COMUNIDADE: Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais.

TODOS: Amanhã será um lindo dia, da mais louca alegria que se possa imaginar... Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais.

Canção: "Amanhã" (Guilherme Arantes)

Amanhã, será um lindo dia
Da mais louca alegria que se possa imaginar.
Amanhã, redobrada força
Pra cima que não cessa há de vingar.
Amanhã, a luminosidade
Alheia a qualquer vontade há de imperar.
Amanhã, está toda esperança
Por menor que pareça existe e é pra vicejar.
Amanhã, apesar de hoje
Será a estrada que surge pra se trilhar.
Amanhã, mesmo que uns não queiram
Será de outros que esperam ver o dia raiar.
Amanhã, ódios aplacados,
Temores abrandados, será pleno.

Confissão

HOMENS: Seu nome é Jesus Cristo e passa fome.

TODOS: (cantando) Entre nós está e não o conhecemos.

MULHERES: Seu nome é Jesus Cristo e está sem casa.

TODOS: (cantando) Entre nós está e não o conhecemos.

HOMENS: Seu nome é Jesus Cristo e está doente.

TODOS: (cantando) Entre nós está e não o conhecemos.

Momentos de reflexão (silêncio)

Louvação

"Morte e Vida Severina"

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.

Canção: "A bandeira do divino" (Ivan Lins)

Assim como os três reis magos
que seguiram a estrela guia
a bandeira segue em frente
atrás de melhores dias.
No estandarte vai escrito
que ele voltará de novo
e o rei será bendito,
ele nascerá do povo.

Ofertório

Apresentação de símbolos alegres do advento (flores, frutos, pão, vinho, vela, sino, coroa de natal etc)

Preces espontâneas

Meditação

Tema: Papai Noel

Véspera de Natal!

Você verá Papai Noel

com as velhas botas carregadas de lama

com a longa barba ensopada de chuva

trazendo às costas

um saco de brinquedos,

alegrias, ilusões...

Você virá a tiritar de frio,

trêmulo como um vovô que eu tinha

que era manso e bom como você.

Sei que você virá de qualquer modo,

atravessando os mares nos insondáveis,

as correntes dos rios tumultuosos,

e entrará em todas as casas

onde houver sapatinhos elegantes

esperando nos cantos por você...

Mas sei que, por trazer a memória cansada,

você conhecerá mais uma vez daquelas casinhas pobres,

que deviam lembrar-lhe a manjedoura de Belém.

Que pena, Papai Noel,

você já se esqueceu da Noite de Belém!

Missão

Canto final — "Vencendo vem Jesus"

Sobre a terra brasileira,

Nas cidades, no sertão

Pela força do Evangelho,

Com poder de Salvação,

Pelo amor dos pecadores,

Desdobrando o seu pendão,

Vencendo vem Jesus.

Glória, glória, aleluia (3x)

Vencendo vem Jesus.

Contra a injusta prepotência
Qualquer forma de opressão
Contra a fria indiferença,
Contra os erros de omissão
Conclamando sua Igreja
A lutar com decisão,
Vencendo vem Jesus.

Não importam resistências
Nem violentas reações
Contra a Graça nada pode
Tão precárias posições.
A favor dos oprimidos
Sem humanas condições,
Vencendo vem Jesus.

Muitos golpes de surpresa
Temos todos de enfrentar
Dias tristes de incerteza,
De amargura e de penar.
Mas de Cristo vem firmeza
Para os golpes suportar,
Vencendo vem Jesus.

Oração do Pai Nosso



LÍRIO

No momento-flor é vida, pureza,
felicidade. Depois o bulbo cai e gera
outro bulbo, talo e flor. Natal
permanente.